

**RELATÓRIO DAS OFICINAS DE MAPEAMENTO PARTICIPATIVO  
PARA SELEÇÃO DAS ÁREAS PARA IMPLANTAÇÃO DE MODELOS DE  
RECUPERAÇÃO FLORESTAL.**

**Elaboração do Relatório**

**Katia Maria Pacheco**

**Eng, Agrônoma**

**MSc em Ecologia de Agroecossistemas**

**Mai de 2012.**

## **1. APRESENTAÇÃO**

Este relatório foi elaborado em atendimento ao TdR referente a Atividade 111 do Projeto Formando Florestas: Recuperação Florestal Participativa em UC do Mosaico do Jacupiranga, SP. Para tanto foram executadas três oficinas objetivando para realizar o mapeamento florestal participativo nas três Unidades de Conservação de abrangência do Projeto, com duração de dois dias em cada uma dessas. As oficinas além de cumprir o referido objetivo foram utilizadas para apresentar formalmente o Projeto para as comunidades, por serem as primeiras atividades do Projeto nas UC. Foram esclarecidas dúvidas dos comunitários a respeito das atividades que serão desenvolvidas ao longo do Projeto, além de reforçar a importância da participação dos comunitários em todas as atividades, uma vez que o projeto tem como premissa a promoção de capacitações para os agricultores como agentes florestais restauradores. A primeira Unidade de Conservação onde esta foi realizada foi na RDS de Quilombos da Barra do Turvo, logo após na APA Planalto do Turvo, e a última oficina foi na APA Rios Vermelho e Pardinho. Nos dias 23 e 24 de março ocorreu a Oficina na RDS de Quilombos; nos dias 27 e 28 ocorre a Oficina na APA Planalto do Turvo e nos dias 29 e 30 de março a Oficina na APA Rios Vermelho e Pardinho. Em cada uma das oficinas participaram em média um público de 30 agricultores, entre homens, mulheres e jovens. Estes foram capacitados para realização do mapeamento participativo das áreas a serem recuperadas, com introdução a realização dos inventários florestais amostrais. A lista de nome dos participantes consta no Anexo X. As oficinas foram conduzidas pela engenheira agrônoma e mestre em ecologia de agroecossistemas Katia Pacheco, com apoio dos biólogos João Moraes Neto e Osni Kojack, ambos técnicos do Parque Estadual do Turvo, da antropóloga Lúcia Szmrecsányi, do gestor da Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Quilombos, Wagner Portilho, do gestor das duas Áreas de Proteção Ambiental, Domingos Oliveira, também da Fundação Florestal,

da monitora ambiental da RDS, Nilce Pereira e das APAs, Thiago. As atividades ao longo das oficinas foram registradas em áudio e vídeo pelo técnico e sócio do IDESC, o senhor Agane Fibra Tello.

## 2. DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA ADOTADA NAS OFICINAS

Para conduzir as oficinas foi elaborado um roteiro metodológico, conforme apresentado a seguir no Quadro 1. Este foi repassado aos técnicos e colaboradores participantes das oficinas, com o intuito de orientar passo a passo das atividades planejadas para os dois dias.

Quadro 1 – Roteiro metodológico utilizado da Oficina

<p>Atividade 1. Mapear as áreas que necessitam ser recuperadas</p> <p>Passo 1. Divisão dos grupos no caso da RDS por comunidade.</p> <p>No caso das APAs podendo ser composto por bairro. Cada grupo terá um moderador e este será responsável por preencher a Ficha (modelo Anexo X) correspondente a área plotada no mapa pelo desenhista, que será uma pessoa do grupo. Este será o responsável por registrar no mapa as informações do grupo. Cada grupo preferencialmente deverá ser constituído por no máximo 7 pessoas.</p> <p>Passo 2. Preencher a Ficha para cada área mapeada e registrada no mapa de trabalho. Para cada área mapeada deverá ser preenchida uma ficha correspondente.</p>
<p>Atividade 2. Levantamento de informações para subsidiar o Inventário florestal amostral participativo</p> <p>Passo 1. O grupo deverá listar as espécies florestais que são de rápido crescimento e que mais ocorre nas matas/localidade nas proximidades da área mapeada, de modo a responder as questões da Ficha.</p>
<p>Atividade 3. Apresentação dos trabalhos dos grupos</p>

Atividade 4. Acordar com os participantes quais das áreas mapeadas serão recuperadas.

Passo 1: Lembrar que no Projeto são 25 hectares a serem recuperados. Em média será 8 hectares por UC a ser recuperado, podendo ser mais ou menos dependendo da realidade identificada no mapeamento. Uma vez descrita as características de cada área na Ficha, saberemos a real condição das mesmas, e assim teremos condições de selecionar as áreas onde serão implantados os modelos de recuperação com base em SAFs. Deveremos apresentar a sistematização das áreas no segundo dia da oficina, para então juntamente com os agricultores pactuar as áreas serão implantadas os SAFs.

Atividade 5. Elaborar o calendário sazonal florestal com base as espécies listadas na Ficha. Este calendário deverá subsidiar a condução da etapa de coleta de sementes para produção de mudas nos viveiros das 3 UCs.

Passo 1- O instrutor de cada grupo irá transpor o nome das espécies florestais que foram registradas na Ficha utilizada na atividade do mapeamento, em uma folha de Flip chart, seguindo o seguinte modelo:

Nome do recurso florestal	Época de Floração (meses)	Época de Frutificação (meses)	Estimativa de abundância (tem muito, tem pouco, quase não tem, não tem)

Atividade 7. Apresentação dos calendários elaborados pelos grupos.

No dia anterior a Oficina na RDS de quilombos a equipe reúne-se no Núcleo Cedro, Parque do Turvo, para discutir a programação elaborada por Katia Pacheco, esclarecer dúvidas em relação à metodologia proposta para as atividades da oficina e estabelecer alguns critérios preliminares para a seleção

de interessados em compor os grupos do projeto (grupo de agentes florestais restauradores, grupo gestor do projeto e grupo de jovens). Foi produzido um texto explicativo sobre os objetivos e atividades do projeto para serem exibidos com o projetor durante a apresentação do projeto, conforme apresentado nos quadros abaixo:

**Quadro Explicativo:**

Objetivos do Projeto:

- 1) Recuperação de áreas degradadas com SAFs (sistemas agroflorestais) na RDS Quilombos e nas APAs Planalto do Turvo e Rios Vermelho e Pardinho
- 2) Fortalecimento de viveiros já existentes nessas áreas
- 3) Capacitação de representantes das comunidades como agentes florestais restauradores
- 4) Capacitação de jovens das comunidades como "jovens comunicadores"

Observação: as atividades 1 e 2 vão ser feitas junto com a atividade 3, ou seja, só quem participar das capacitações vai produzir mudas e fazer a recuperação de áreas.

A capacitação dos agentes florestais restauradores inclui conhecimentos das seguintes áreas:

1. Produção de mudas e coleta de sementes
2. Implantação de SAFs
3. Gestão de projetos e fortalecimento das associações

O projeto será acompanhado por dois grupos formados por representantes da Fundação Florestal, do IDESC e das comunidades. O grupo das APAs será formado pelo gestor e por um monitor ambiental da Fundação Florestal, por duas pessoas do IDESC, por 1 pessoa da APA Planalto do Turvo e 1 pessoa da APA Rio Vermelho (+ 2 suplentes). Os representantes das comunidades e seus suplentes precisam ser escolhidos entre as pessoas que vão participar das capacitações dos agentes florestais restauradores.

Em relação à composição do grupo gestor, estabelece-se a seguinte composição:

RDS – O gestor da RDS (Wagner Portilho) + 1 monitor ambiental da Fundação Florestal (Nilce) + 4 pessoas das comunidades (1 de cada localidade) + 4 suplentes

APAs – O gestor das APAs (Domingos Oliviera) + 1 monitor ambiental da Fundação Florestal (Tiago) + 2 pessoas da APA Planalto do Turvo (sendo um titular e um suplente) + 2 pessoas da APA Rio Vermelho (sendo um titular e um suplente)

IDESC – 2 pessoas a serem indicadas pela instituição proponente do Projeto

No que diz respeito aos critérios para escolha dos participantes das capacitações de agentes florestais restauradores, são definidos os seguintes pré-requisitos para compor o grupo na RDS de Quilombos:

- Ter disponibilidade e compromisso para participar de todas as capacitações previstas no projeto residir na área
- Ser agricultor ou filho de agricultor
- Ser associado às associações parceiras

Para o caso de haver mais de 26 pessoas interessadas em compor o grupo, estabelecem-se os seguintes critérios restritivos:

- Só uma pessoa por família pode participar deve haver paridade entre homens e mulheres

Já para a composição do grupo de "Jovens Comunicadores" que acompanhará o projeto com a função de produzir um boletim informativo periódico (jornalzinho), são definidos os seguintes requisitos:

- estar matriculado na escola (no mínimo no 6º ano do Ensino Fundamental

Ter idade mínima de 13 anos

Ser filho de agricultor

Residir nas comunidades

Ter disponibilidade de participar das atividades do projeto nos finais de semana, a cada 15 dias

Como critérios de desempate, para o caso de haver mais interessados do que vagas são definidos os seguintes critérios:

- preferência para idade maior
- preferência para nível de escolaridade maior
- preferência para filhos dos participantes do grupo de agentes florestais restauradores
- preferência para os que não sejam beneficiários de programas de assistência do governo (Bolsa Família etc.)
- preferência por um grupo composto pelo mesmo número de homens e mulheres

Ainda com relação à composição do grupo de jovens comunicadores, a equipe discute e chega à conclusão de que a quantidade de integrantes deve ser definida por cada comunidade (RDS Quilombos, APA Planalto do Turvo e APA Rios Vermelho e Pardinho).

Decide-se fazer uma ficha de inscrição para os jovens interessados, contendo nome, data de nascimento, filiação, escolaridade, nome da escola, período e local onde estuda, auxílio governamental recebido pela família. Também fica acertado que será feita uma lista de "reservas", para o caso de eventuais desistências futuras dos jovens selecionados nesse momento. Por fim, define-se que os monitores ambientais da Fundação Florestal terão a responsabilidade de acompanhar todas as atividades dos grupos de jovens comunicadores.

No caso das APAS a equipe elaborou os critérios para participação no projeto (capacitações + recuperação de áreas) e os critérios para participar do grupo de Jovens Comunicadores, os quais foram apresentados no início da oficina nas duas APAS, Planalto do Turvo e APA Rios Vermelho e Pardinho. Segue abaixo o roteiro dos critérios:

Os critérios para participação no projeto (capacitações + recuperação de áreas) são:

- Ser cadastrado no ITESP 2006
- Ter residência fixa na área
- Ser agricultor ou filho de agricultor
- Comprometer-se a participar de todas as capacitações
- Ser associado às associações parceiras

Os critérios para desempate:

- Preferência para quem faz parte do grupo do viveiro
- Preferência para quem não tem outra pessoa da família no grupo
- Preferência para quem não tem nenhuma outra fonte de renda, além da agricultura,

Os critérios para participar da capacitação de jovens são:

- Estar estudando (no mínimo no 6º ano)
- Ter no mínimo 13 anos
- Ser filho de agricultor
- Ter residência fixa na APA
- Os pais estarem no cadastro do ITESP 2006

Critérios para desempate:

- Mais velho tem preferência
- Nível de escolaridade mais alto tem preferência
- Preferência para filhos de pessoas que estão participando das capacitações do projeto e preferência para quem não é beneficiário de um programa de assistência do governo (bolsa família etc.)



Foi elaborada uma programação geral (Anexo 2) para todas as oficinas, que sofreu algumas alterações ao longo de sua execução, de acordo com as necessidades sentidas localmente, em cada contexto. Sendo a principal alteração nesta programação foi a eliminação da atividade 6, para permitir que as atividades anteriores fossem feitas com mais tempo. Optou-se em exibir nas APAs o filme "Sistemas Agroflorestais no Noroeste do Mato Grosso" no lugar do "O homem que plantava árvores", exibido na RDS Quilombos. Ambos os materiais foram selecionados para uso exclusivo nessa oficina. A atividade cultural consistiu na apresentação de um filme sobre a comunidade quilombola de Mandira, chamado "Terço Cantado" (substituído pelo filme "O Menestrel" na última oficina). As atividades 1 e 2 foram realizadas na sequência uma da outra, como parte de uma mesma atividade em grupo. A avaliação escrita, com atribuição de notas às atividades, foi substituída por avaliações orais, mais abertas, nas duas últimas oficinas.

Para subsidiar a atividade do mapeamento participativo foi elaborado um conjunto de mapas, que chamamos de mapas de trabalho 1. A base cartográfica foi fornecida pela Fundação Florestal, conforme previsto na contrapartida do Projeto. Os *layouts* dos mapas foram elaborados pelo técnico João M. Neto. Foram confeccionados 3 jogos de mapas para RDS de Quilombos, sendo cada mapa com o limite da terra quilombola e malha hídrica (anexos X, X1 e X2) e um mapa com as 4 terras que compõe o território da RDS (anexo X3). Vale ressaltar que os mapas foram elaborados em escala adequada para a realização de numa atividade como é o de mapeamento participativo. Para as APAs a mesma orientação foi seguida, com um diferencial que foi a produção de um único mapa para cada uma das UC, ou seja, o mapa APA Planalto do Turvo com seu limite e malha hídrica (Anexo) e o mapa da APA Rios Vermelhos e Pardinho, com seu limite e malha hídrica (mapa X5).

Entendendo que o mapeamento participativo é um processo de espacialização e registro do conhecimento de um dado grupo ou comunidade acerca de uma determinada paisagem ou região, adotamos como ferramenta para registrar tais conhecimentos uma Ficha padrão (Anexo 1). Esta foi elaborada exclusivamente para esta oficina e que será utilizada com base para o diagnóstico, ou seja, a checagem de cada uma das áreas que foram mapeadas, e ainda, esta deverá auxiliar no momento do planejamento de cada modelo de recuperação.

### **3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES QUE FORAM REALIZADAS EM CADA UMA DAS 3 UCS**

#### **3.1. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES NA OFICINA DA RDS DE QUILOMBOS**

A oficina foi iniciada às 9h30 do dia 23 de abril, com o gestor da RDS de Quilombos, pedindo para alguém da comunidade fazer uma fala de abertura dos trabalhos. O Sr. Benedito de Moura (Ditão) assume a tarefa, desejando a todos uma boa oficina e lembrando que Deus ajuda as pessoas, mas não joga o prato de comida pronto lá do céu, assim como o governo também não dá o prato feito para ninguém. Diz que para conseguir as coisas todos precisam ir à luta e que é para isso que estamos aqui hoje, para aprender e discutir o trabalho conjunto.

Após essa apresentação dos objetos da Oficina, foi reforçado que os participantes dos grupos deverão assumir como compromisso a participação nas capacitações previstas no Projeto, bem como da implantação dos modelos de recuperação baseados em Sistemas Agroflorestais em suas respectivas áreas. Em seguida, as pastas com a programação da oficina são distribuídas e inicia a apresentação do projeto.

A consultora Katia lembra que o edital via FUNBIO que foi lançado no fim do ano passado foi discutido na última reunião do Conselho da RDS. Diz que o projeto aprovado inclui atividades de recuperação florestal e atividades com os jovens, que haviam sido pedidas pela comunidade. Visando fomentar a ativa participação dos agricultores em todas as atividades de capacitação, e como

essa oficina era a primeira atividade do Projeto nas três UCs, iniciamos as oficinas informando aos participantes de forma clara, sobre os objetivos do projeto, suas atividades, prazos, orçamento, instituições envolvidas e equipe responsável. Após essa etapa, apresentamos os objetivos que deveriam ser alcançados ao fim dos dias de oficina, ou seja: 1- Realizar o Mapeamento das áreas a serem recuperadas ao longo do projeto; 2- Compor o grupo de agentes florestais restauradores; 3- Compor os grupos de jovens comunicadores; 4- Constituir em cada uma das UCs o grupo gestor do projeto; 4- Iniciar a capacitação para realização do inventário florestal amostral, com vistas ao planejamento das atividades de coleta de sementes e produção de mudas. Explica-se que o Projeto tem contrapartida da Fundação Florestal. Diz que o objetivo do projeto é recuperar áreas degradadas, e que há recurso para compra de mudas dos 3 viveiros comunitários existentes na RDS de Quilombos, na APA Planalto do Turvo e na APA Rios Vermelhos e Pardinho. Lembra que o projeto não é só para a RDS, mas também para as APAs Planalto do Turvo e Rios Vermelho e Pardinhos.

Depois dessa introdução, expõe os horários previstos para as atividades do dia e pede para todos os presentes se apresentarem brevemente. Após as apresentações foi retomada a explicação sobre os objetivos do projeto: a) promover capacitações aos agricultores das três UCs, b) recuperar áreas nessas UCs e c) fortalecer os viveiros comunitários. É explicado que a recuperação das áreas será baseada no princípio dos Sistemas Agroflorestais, com inclusão de espécies nativas como o palmito juçara, a erva-mate e a araucária. Explica-se que nem todas as áreas que poderão ser apontadas para recuperação estarão aptas à produção dessas três espécies chaves, com exceção do palmito, que tem ocorrência natural em todas as UCs.

O Sr. Ditão, propõe que, além de mudas, o enriquecimento das áreas selecionadas inclua também adubação verde. O Sr. Lourival diz que limoeiro bravo chupa e segura água na terra, sugerindo que essa espécie faça parte dos SAFs nas áreas a serem reflorestada. Outras pessoas lembram de outras espécies que desempenham a mesma função: caraguatá, abacaxi do mato, ananá, cipó taiuiá...

Com relação aos viveiros, é explicado que o trabalho refere-se à inclusão destes no RENASEM – Registro Nacional de Sementes e Mudas, buscando-se que com o registro a comercialização seja fortalecida. Reforça-se que a ideia é fortalecer os viveiros comunitários já existe nas três UCS, pensando não somente na comercialização, mas também na produção de mudas para uso próprio das comunidades.

Segue-se a explicação sobre o funcionamento das capacitações. Estas incluirão repasse de conhecimentos relacionados não apenas à produção de mudas e à coleta de sementes, mas também à sua comercialização, a gestão das associações e à elaboração de projetos comunitários. Explica-se que a capacitação dos jovens será realizada paralelamente, visando à produção de um jornalzinho das comunidades. São apresentados alguns materiais de divulgação produzidos por outros projetos, dizendo que a ideia é fazer algo semelhante, e informa que o projeto também prevê a produção de um registro do Projeto, contando como foram os trabalhos ao longo do Projeto e seus resultados.

Depois dessas explicações, abre-se espaço para os presentes fazerem perguntas sobre o Projeto. Algumas das perguntas feitas foram:

Pergunta: As pessoas que estão fora da RDS, não podem participar do projeto?

[Resposta: "O projeto não impede a participação de quem está fora da RDS"]

Pergunta: O projeto vai comprar qualquer tipo de muda?

[Resposta: "Não, as florestais são só as que estão previstas no projeto; mas plantas não florestais podem ser escolhidas pelas comunidades, a decisão de quais espécies vão ser plantadas no SAF vai ser tomada junto com as comunidades; equipe do projeto vai orientar em relação às espécies ".

Pergunta: Como vai ser remunerada a coleta de sementes?

[Resposta: "A coleta está prevista como parte da capacitação, não há remuneração, mas também recursos para a compra de sementes"]

As dúvidas são esclarecidas e em seguida abrem-se as inscrições para compor o grupo que participará das capacitações dos Agentes florestais restauradores.

Em seguida, são apresentados os critérios para a composição do grupo de jovens e abertas às inscrições, com a observação de que ainda será possível inscrever-se no dia seguinte, quando a composição final do grupo será decidida. Também se discute o que fazer em caso de desistência de algum jovem (lista de "reservas") e decide-se que o jovem que faltar duas vezes às atividades de capacitação sem justificativa apropriada será excluído do grupo, abrindo vaga para um dos "reservas". Passa-se à escolha dos representantes das comunidades no **Grupo Gestor** do projeto. Os escolhidos são: Titulares: Camilo, Pedro, Ozico, Lude e Suplentes: Laureti, Joaquim, José Alvarenga.

Depois do almoço, a consultora Katia explica brevemente como vai ser o trabalho em grupo de mapeamento das áreas a serem recuperadas pelo projeto. Os participantes dividem-se em 3 grupos, de acordo com a comunidade a que pertencem, e trabalham na definição e descrição das áreas que desejam recuperar. O trabalho é feito sobre o mapa de sua respectiva comunidade, no qual os participantes localizam as áreas que tem interesse em recuperar, e inicia-se o preenchimento Ficha (modelo em anexo X) para cada área pelo coordenador do grupo.

Terminada essa atividade, inicia-se a exibição do filme "O homem que plantava florestas", sucedida por uma breve rodada de comentários sobre o trabalho de reflorestamento. No final do dia, é solicitado que cada participante faça uma breve avaliação das atividades realizadas até então, destacando um ponto positivo e um ponto negativo. Alguns dos pontos negativos apontados foram:

- atraso no início dos trabalhos, na parte da manhã;
- nem todos os membros das comunidades participaram; faltaram jovens de alguns lugares; faltou gente, especialmente da Pedra Preta;
- foi um pouco difícil entender tudo o que foi dito;
- o projeto não prevê pagamento para o plantio.

Entre os pontos positivos, foram apontados os seguintes:

- presença de jovens na oficina;
- disposição de todos para o trabalho;
- o almoço estava bom;
- o projeto vai gerar renda para as comunidades.

O primeiro dia da oficina é encerrado às 17h30, com oferecimento de um lanche.

### **3.1.2 . DEFINIÇÃO DO GRUPO DOS AGENTES FLORESTAIS RESTAURADORES**

A quantidade de inscritos no primeiro dia da oficina é de 22 pessoas. Por fim. Conforme decisão firmada no segundo dia da oficina, o grupo que participará das capacitações como agentes florestais restauradores fica composto pelas seguintes pessoas das comunidades:

#### **Cedro**

1. Denise
2. Reoni
3. Alcina
4. Roseane
5. Pedro
6. Laureti

#### **Terra Seca**

1. Dalcides
2. Ozico
3. Joaquim
4. Eleandro
5. Vanilda

#### **Ribeirão Grande**

1. Oscar
2. Camilo
3. Mateus (também faz parte do grupo de jovens)
4. Carlos (também faz parte do grupo de jovens)
5. Emerson

**Pedra Preta e Paraíso**

1. Lude
2. José Alvarenga
3. Lourival
4. Esposa do senhor Lauridir

Após a composição do Grupo que participará das capacitações como Agentes Florestais restaurados, passa-se à discussão dos viveiros da RDS. Novamente é explicado aos participantes sobre a importância de haver um viveiro central uma vez que esta prevista no Projeto a regularização junto ao RENAMEM. É solicitado aos participantes que apontem o local na RDS onde vai ter interesse que seja construído um novo viveiro. Surge a proposta de fazer dois viveiros, um na comunidade Cedro e outro na comunidade Ribeirão Grande. É lembrando que o viveiro já existente, portanto, o localizado na comunidade Pedra Preta é a matriz, podendo ser as filiais os do Ribeirão Grande e do Cedro. Na comunidade Cedro quatro participantes apresentam-se como interessados em ter um viveiro comunitário na comunidade, e Ribeirão Grande e Terra Seca, outras dez pessoas manifestam também interesse.

Como resultado a discussão referente ao tema viveiro houve o consenso sobre a necessidade de se criar duas novas estruturas de viveiro na RDS, um no Cedro e outra em Ribeirão Grande. Essas estruturas seriam como filiais do viveiro central, que é o da Pedra Preta. Com relação ao funcionamento desses viveiros, fica estabelecido que isso vai ser discutido na primeira capacitação dos viveiristas.

**3.1.3. DEFINIÇÃO DAS ÁREAS A SEREM IMPLANTADOS OS MODELOS DE RECUPERAÇÃO**

À noite do primeiro dia da oficina na RDS, a equipe do projeto se reúne para sistematizar as informações relativas as áreas mapeadas pelos grupos. Transformando todas as medidas indicadas em hectares, verifica-se que a área total proposta pelas comunidades chega a cerca de 15 hectares, ultrapassando os 10 hectares estipulados como limite máximo para plantio na RDS. Conforme indicado aos participantes, a tomada de decisão sobre quais serão as áreas a serem recuperadas é feita coletivamente, e, portanto, é uma atividade no dia

seguinte. Para apoiar esse trabalho coletivo de definição final das áreas de implantação dos SAFs, uma tabela congregando as informações registradas nas Fichas é produzida, destacando as seguintes informações: código da área proposta, nome do Agricultor, tamanho da área, uso atual e situação da área.

No segundo dia, a oficina é reiniciada às 9h00, com a presença de várias pessoas que não estavam na véspera, algumas das quais dizem ter interesse em participar das capacitações e implantar SAFs em suas "propriedades".

A equipe explica que não é possível acrescentar novas áreas ao projeto sem fazer cortes nas áreas indicadas na véspera, uma vez que estas já superaram a área total prevista no projeto para a RDS Quilombos. A tabela contendo a sistematização das demandas elencadas pelos grupos é apresentada aos participantes, e, diante da necessidade de efetuar cortes, todos concordam em reduzir o tamanho da área que haviam escolhido para implantar os SAFs em suas "propriedades". Após uma rodada de negociações envolvendo todos os interessados em participar do projeto, a definição final das áreas onde serão implantados os modelos de recuperação/ comunidade se configura conforme apresentado nas Tabelas 1 a 4.

**Tabela 1. Área na Comunidade Ribeirão Grande:**

Código da área	Agricultor	Tamanho (ha)	Uso atual	Condição da área
A1	Associação	3,6 ha	pasto	mata ciliar degradada
<b>Total de área = 3,6 ha</b>				

**Tabelas 2. Áreas na Comunidade Cedro:**

Código da área	Agricultor	Tamanho (ha)	Uso atual	Condição da área
A 1.1	Vandir	1 ha	capoeira fina	erosão
A 1.2	Pedro	0,07 ha (1 salamim)	pasto	mata ciliar degradada
A 1.3	Ditão	0,15 ha	bananal e cana abandonados	erosão
<b>Total de área = 1,22 ha</b>				



**Tabela 3. Áreas na Comunidade Pedra Preta:**

Código da área	Agricultor	Tamanho (ha)	Uso atual	Condição da área
A 1.4	Lude Quirino	0,5 ha	pasto	mata ciliar degradada
A 1.5	Lourival	0,5 ha	pasto	erosão, mata ciliar degradada e declividade acentuada
A.1.6	José Alvarenga	0,5 ha	pasto	mata ciliar degradada
<b>Total de área = 1,5 ha</b>				

**Tabela 4. Áreas na Comunidade Terra Seca**

Código da área	Agricultor	Tamanho (ha)	Uso atual	Condição da área
A 1.1	Dolíria e Darso	0,5 ha	pasto	erosão
A 1.2	Joaquim	1 ha	capoeira fina	solo fraco / pouca produtividade
A 1.3	Juvenal	1 ha	capoeira fina	solo fraco/ pouca produtividade
A 1.4	Ozico	0,5 ha	roça em abandono (cana/banana)	mata ciliar degradada
AE 1.5	Claresdina	0,7 ha	capoeira fina com banana	nascentes
<b>Total de área = 3,7 ha</b>				

Totalizaram 10,02 hectares de áreas mapeadas para serem recuperadas na RDS de Quilombos. Além dessas áreas selecionadas para recuperação, foram identificadas outras áreas nas comunidades para enriquecimento, como indicado nas tabelas abaixo:

**Tabela 5. Áreas para enriquecimento na Comunidade Ribeirão Grande.**

Código da área	Agricultor	Tamanho (ha)	Uso atual	Condição da área
AE1	Valfrides	1,65 ha	sem uso/ agricultura em alguns pedaços	área de nascentes, sujeita a fogo
AE2	Darso e Doliria	0,07 ha	pasto	mata ciliar degradada
	Nilce	0,04 ha	agrofloresta	erosão

**Tabela 6. Áreas para enriquecimento na Comunidade Cedro.**

Código da área	Agricultor	Tamanho (ha)	Uso atual	Condição da área
	Pedro	1 alqueire		
	Ditão	? checar em campo	sistema agroflorestal	
	Vandir	2 ha		beira do rio

**Tabela 7. Áreas para enriquecimento na Comunidade Pedra Preta.**

Código da área	Agricultor	Tamanho (ha)	Uso atual	Condição da área
AE 1.5	Lourival	4,8 ha	pasto	mata
	José Alvarenga	3 quartas	capoeira grossa com palmito	

**Tabela 8. Áreas para enriquecimento na Comunidade Terra Seca.**

Código da área	Agricultor	Tamanho (ha)	Uso atual	Condição da área
	Claresdina	1,3 ha	capoeira fina	mata ciliar degradada
	Vanilda e Jane	0,07 ha	agrofloresta	tem nascentes
	Vandir e Nadir	0,5	capoeira média c/ banana	tem nascentes

### 3.1.4 A COMPOSIÇÃO DO GRUPO DE JOVENS COMUNICADORES

No segundo dia da oficina foi decidido com base nos critérios apresentados no primeiro dia a composição final do grupo de jovens da RDS.

Na comunidade Terra Seca os jovens são:

1. Osnir (17 anos, 3º ano E.M., período noturno, participa do curso da COOPERA)
2. Vanessa (16 anos, 3º ano E.M., período noturno)
3. Suélen (15 anos, 1º ano E.M., período noturno, participa do curso da COOPERA)
4. Lucas (13 anos, 8º ano E.F., período integral, participa do curso da COOPERA)
5. Simone (16 anos, não estuda, estudou até 6ª série)
6. Evair (14 anos, 9º ano E.F., período integral)

Na comunidade de Ribeirão Grande:

1. Mateus (16 anos, 1º ano E.M., período noturno)
2. Carlos (14 anos, 9º ano E.F., período integral)
3. Emerson (14 anos, 8º ano E.F., período integral)

Na comunidade de Pedra Preta:

1. Daíne (16 anos, 3º ano E.M., período noturno)

Fechada a composição do grupo, passa-se a combinar os detalhes do primeiro encontro, agendado para 9 de abril. Fica combinado que esse encontro será no Centro Comunitário da Terra Seca, às 9 horas, e que a responsável pela preparação do local será Vanessa. À tarde, a oficina recomeça com a exibição do filme "Terço cantado", sobre o quilombo de Mandira e suas manifestações culturais. Depois do filme, inicia-se uma discussão sobre as festas das comunidades daqui, e alguns participantes perguntam se não pode ser feito registro delas. Diante dessa indagação a consultora Katia Pacheco propõe que isso seja incorporado ao trabalho do grupo de jovens.

### 3.1.5 ELABORAÇÃO DO CALENDÁRIO SAZONAL FLORESTAL COMO SUBSIDIO PARA O INVENTÁRIO FLORESTAL AMOSTRAL PARTICIPATIVO

Os grupos de trabalho da véspera são refeitos para elaborarem calendários de floração e frutificação das espécies florestais citadas nas descrições das áreas e registradas nas fichas.

Cada um dos três grupos produziu seu calendário, conforme o modelo proposto no roteiro metodológico. As informações registradas em cada um dos calendários foram sistematizadas e digitalizadas gerando um único calendário, conforme apresentado na Tabela 9, totalizando universo de 86 tipos florestais.

Os grupos apresentaram seus trabalhos – tarefa que foi atribuída aos jovens – e discutiram as diferenças nos calendários de cada um. Ao final da apresentação, é reforçada a importância da elaboração de um calendário coletivo, uma vez que este é baseado na observação dos comunitários e que reflete um pouco do conhecimento que eles detêm a respeito dos recursos florestais existentes em seus territórios. E que com base nesse calendário será possível planejar a época de coleta de sementes nas comunidades. Diz ainda, que esta informação produzida por eles será retornada para ser melhorado e complementado na ocasião da próxima oficina de capacitação.

**Tabela 9.** Calendário Sazonal Florestal.

n° de ssp	Nome comum da ssp florestal	Época de Floração	Época de Frutificação	Estimativa de ocorrência da ssp
1	Araribá	nov -dez	março	quase não tem
2	Amarelinho	novembro e dez	dez - março	muito
3	Amescla	junho	agost-set	pouco
4	Amora	agosto	maio	muito
5	Angico	nov	fev	pouco
	Angico	junho-julho	novembro	pouco
6	Araçá	dez	janeiro-março	muito
	Araçá	jan	março	pouco
7	Araticum	fev	março	muito
8	Araticum panema	dez-jan	março	pouco
9	Araucária	jan	junh-julho	pouco

n° de ssp	Nome comum da ssp florestal	Época de Floração	Época de Frutificação	Estimativa de ocorrência da ssp
10	Aribá	dez	dez	muito
11	Aroeira	jan-março	abril-maio	muito
	Aroeira	março	abril-maio	pouco
12	Assa-peixe	agost- set	ano todo	muito
	Assa-peixe	fev-março	abril-maio	muito
	Assa-peixe	março	abril	muito
13	Bacupari	nov	março	muito
14	Bem-me-quer	fev	março	muito
15	Bico-de-pato	março	dez	muito
16	Bocuva	jul - agosto	set	muito
17	Brejaúva	nov-dez	ago-set	pouco
18	Brejumirin			pouco
19	Bucuveira	março	junho - julho	muito
20	Cabore	nov	jan	muito
21	Candiúva	fev-março	maio	pouco
22	Canela	em março e agosto	março e agosto	pouco
23	Canela branca	agos-set	out-nov	muito
24	Canela nhuva	set-out	dez	muito
25	Canela preta	dez	março	quase não tem
26	Capixaba	março	junho	muito
	Capixaba	março	abril	muito
27	Capororoca	nov-dez	jan-fev	muito
	Capororoca	agosto- set	nov-dez	muito
28	Caquera	fev-abril	maio-junho	muito
	Caquera	março	maio-junho	muito
29	Caruru			muito
30	Cedro	agosto	fev - março	pouco
	Cedro	out	jan	pouco
31	Cereja	agosto	novembro	muito
32	Copaúba	set	nov	muito
	Copaúba	out	dez	pouco
33	Coração-de-bugre	out-nov	dez-jan	muito
34	Embaúba	março e novembro	ano todo	muito
	Embaúba	nov - dez	jan -fev	muito
	Embaúba	dez-jan	março	muito
35	Embirucu	dez	fev	pouco
36	Erva macuco	nov	fev	muito
37	Figueira	jan-março	abril	muito
	Figueira	set	dez	muito
	Figueira	out-nov	jan	pouco
38	Gabiroba	fev	março	muito
39	Goiabeira	dez	fev-março	muito
	Goiabeira	janeiro	março e abril	muito
	Goiabeira	nov-jan	fev-março	muito
40	Guabiroba	ago-set	out-nov	pouco
41	Guapiruvu	setembro	jan	quase não tem
42	Guariroba	out-nov	dez-jan	muito

n° de ssp	Nome comum da ssp florestal	Época de floração	Época de frutificação	Estimativa de ocorrência da ssp
43	Guatambú			pouco
44	Imbiraçu	nov	jan	muito
45	Ingá	nov - dez	jan - fev	muito
	Ingá	dez	maio	muito
	Ingá	jan-fev	maio	muito
46	Ipê	nov	jan	pouco
	Ipê amarelo	junho-julho	ago-set	pouco
47	Ipê roxo	junho-julho	ago-set	pouco
48	Jaborandi	março	março	muito
49	Jabuticaba	nov	dez	pouco
50	Jacarandá	fev-março	março-abril	muito
51	Jaguanandi	dez	março	muito
	Jaguarandi	dez	março-abril	muito
52	Jaracatiá	nov	março	pouco
53	Jatobá	agosto	outubro	muito
54	Jerivá	fev	abril em diante	muito
	Jerivá	ano todo	ano todo	muito
55	Juçara	dez	março-maio	muito
	Juçara	ano todo	ano todo	pouco
57	Limão-de-macaco (limão bravo)	set e out	dez	muito
58	Limão-de-macaco (limão bravo)	agosto	nov	muito
59	Mamica de cadela	março	maio-junho	muito
60	Nhapindá	set-out	nov-dez	muito
61	Nhuva	set	nov	muito
62	Niotinga	dez	março	pouco
63	Ovaia	agosto	outubro	muito
64	Pau-brasil	nov		muito
65	Pau-jacaré			muito
	Pau-jacaré	set-out	dez	pouco
66	Pau-viola	dez	fev	pouco
67	Peroba	janeiro	dez	muito
	Peroba	nov	jan	pouco
68	Pimenteira	março	maio - junh	muito
69	Pitanga	jan-fev	março	pouco
70	Piúva	agost- março	dez	muito
71	Quina branca	jan	março	pouco
72	Repeludo	nov	jan	muito
73	Sangreiro	set	nov	pouco
74	Suinã	fev	abril	quase não tem
75	Taiubeira	março e agosto	agosto e dezembro	muito
76	Taiuva	maio-junho	agosto	pouco
77	Tapiá	fev	março-abril	muito
	Tapiá guaçu	jan	março	muito
78	Tarumã	fev	março	pouco
	Tarumã	jan-fev	abril-maio	pouco
79	Taúveira			muito

n° de ssp	Nome comum da ssp florestal	Época de Floração	Época de Frutificação	Estimativa de ocorrência da ssp
80	Timboeiro	agost	set-out	muito
81	Tucum	jun-jul	ago-set	pouco
82	Tupixaba	março		pouco
83	Umbueiro	maio-junho	agost	pouco
84	Urucurana	set	nov	muito
85	Vacupari	março	outubro	muito
	Vacupari	jan	março	pouco
86	Vaguaçu	jan	março	quase não tem

### 3.1.6 ENCAMINHAMENTOS FINAIS DA OFICINA

É informado ao grupo que a próxima atividade do projeto com os agentes florestais restauradores não vai ser com todo mundo junto, mas individualmente, cada um em sua propriedade, a fim de realizar o diagnóstico (visita dos técnicos) das áreas indicadas para recuperação e enriquecimento para *in locu* checar as condições ambientais da área, georreferenciar as mesmas e discutir com cada agricultor um possível modelo de recuperação com base em Sistema Agroflorestal, incluindo as espécies chaves (palmito, araucária e erva-mate).

Propõe que no dia 23/4 o trabalho seja feito no Cedro, dia 24 na Terra Seca e na Pedra Preta, e no dia 26 no Ribeirão Grande. Todos concordam. Em cada bairro, uma pessoa fica responsável por receber e acompanhar os técnicos: Denise no Cedro, Camilo no Ribeirão Grande, Ozico na Terra Seca e José Alvarenga na Pedra Preta.

Depois faz uma avaliação positiva do encontro, e agradece a todos. Os demais da equipe também fazem uma avaliação e agradecimentos, assim como alguns representantes das comunidades. Os trabalhos são encerrados às 17 horas com oferecimento de um lanche aos participantes.

### 3. 2. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES NA OFICINA DA APA PLANALTO DO TURVO

A oficina na APA Planalto do Turvo é iniciada às 9h40, na sede da Associação Agrícola Bela Vista, no dia 27 de março.

Iniciamos com a apresentação do Projeto, breve resumo sobre a atuação do IDESC no Vale do Ribeira e apresentação da equipe que conduzirá a oficina. O gestor Wagner se apresenta, e fala da sua experiência de trabalho com a juçara, da potencialidade dela. Na sequência os comunitários se apresentam: João, Adão, Vicente Moreira, Pepe, Fernando, Thiago (monitor da Fundação Florestal), Alcides, James, Jacir, Joelma, Devair, Raimundo, Claudemir, Gasparina, Maria Isaldite, Mozarina, Francisco, Pedro – todos de Bela Vista, com exceção do monitor. Passa-se para o combinado dos horários do trabalho na oficina: almoço às 12h30, café às 15h30, encerramento às 17h30.

Em seguida, a consultora Katia Pacheco fala sobre a atividade para os jovens e explica que a ideia é envolver os jovens as atividades do Projeto, mas por outro caminho, como disseminadores de informação. Pede para os participantes avisarem os filhos sobre a proposta, e se interessarem pede para que estejam presentes no segundo dia da oficina, para poderem se inscrever.

Um comunitário expressa-se dizendo:

*É importante agregar os jovens nesse projeto - "onde estão os jovens da comunidade? e ele mesmo responde, estão pra Curitiba. Os jovens são poucos e nunca teve investimento na permanência dos jovens aqui."*

Na sequência abre-se para perguntas dos participantes. Dentre as perguntas que surgiram, destacamos:

Pergunta: "O trabalho do jornalzinho vai ser voluntário? E afirma: Porque se não tiver ganho ninguém vem!"

Resposta: "Não, vai ter uma bolsinha. E é um trabalho que não é direto. "

Pergunta: "Como vamos fazer com plantio da erva mate – vamos ter um contrato sobre o colhimento dessas áreas?"



Resposta: Não vai ter contrato, o plantio é contrapartida dos comunitários, uma vez que pelo Projeto serão compradas mudas dos viveiros, e vamos ainda investir nas espécies chave, entre elas a erva mate, mas vale lembrar que geração de renda através da erva e das outras espécies poderá ocorrer somente a médio e longo prazo. Por enquanto, só temos recursos para comprar mudas a R\$ 1,00. Também temos recursos para compra de sementes. Além das capacitações que estão previstas.

Pergunta: "Vai ser o mesmo sistema desse viveiro aí, a gente vai ter que plantar junto ou podemos plantar sozinhos?"

Resposta: A ideia é fortalecer o viveiro que já existe. O objetivo é trabalhar com o viveiro comunitário, mas isso não é impedimento para os plantios individuais. Isso vai ser uma decisão do grupo. E os viveiros individuais precisam ser ligados ao viveiro central.

Um agricultor faz o seguinte relato:

*"Aqui já tem mato demais, mas tem áreas para recuperar, principalmente as nascentes, não precisa recuperar a beira dos rios, porque onde foi desmatado tem mais peixe. O que nós precisamos não é de mais mato, mas sim de mais alimentação, de maquinário para plantar arroz, feijão etc. Para que plantar mais árvores, se já temos tantas? Se a proposta fosse ajudar a plantação de alimentos, aqui estaria cheio de gente."*

Logo após a sessão dos esclarecimentos inicia-se a exibição do filme sobre Agrofloresta no noroeste do Mato Grosso com o objetivo que facilitar a compreensão dos participantes sobre o que se trata recuperar áreas utilizando com base o sistema agroflorestal. Depois do filme, os moradores fazem algumas reflexões:

"A proposta do projeto está bem mais clara."

"Se esse projeto tivesse chegado há 15 anos a situação da comunidade hoje seria diferentes. Aqui dá de

tudo, mas é preciso investimento e acompanhamento técnico."

"Os exemplos nos assentamentos mostrados no filme todos tiveram financiamento, é fácil fazer quando tem financiamento."

"A primeira coisa aqui é o palmito."

"Na minha área tinha uns 200 palmitos, mas cortaram quase tudo, não pensam em produzir, só em cortar, em roubar".

"Aqui com 3 anos sai palmito, e se a gente plantar, acredito que ninguém vai vir aqui roubar. Se começar a plantar agora, daqui a 3 anos vamos colher."

A consultora retoma a discussão sobre o filme fazendo uma síntese:

"Este é o registro de um Projeto que envolveu dois assentamentos e um terra indígena, e que trata-se de um projeto executado a nível coletivo. A proposta deste nosso Projeto é também que este seja executado de forma participativa, e para isso é preciso os comunitários tenha interesse em abraçá-lo. Explica que no Projeto estão previstos insumos e assistência técnica para implantar os módulos de recuperação baseado em sistemas agroflorestais, além de capacitações. O desafio do projeto é implantar esses modelos em áreas de vocês por vocês, que vocês vão escolher no momento da atividade do mapeamento. Também entendemos que é preciso fortalecer a associação da Bela Vista, pois esta é uma estrutura coletividade e que por meio dela é possível captar recursos para realizar projetos coletivos de interesse de vocês.

### **3.2.1 DEFINIÇÃO DO GRUPO DOS AGENTES FLORESTAIS RESTAURADORES**

Após a ronda de perguntas e reivindicações, é retomada a explicação sobre as atividades previstas no Projeto, e explica como serão as capacitações e demais atividades e apresenta os critérios (estes constam no item 2 deste relatório). Na sequência abre-se para a inscrição dos interessados e a seguinte lista é constituída:

1. Alcídio
2. Ozadir
3. Francisco
4. Daniel
5. João Ponce
6. Ivanir
7. Gasparina
8. Afonso
9. João Maria Hart (a confirmar)
10. Vicente
11. Juraci
12. Raimundo ( a confirmar)
13. Rosarinha
14. Devair
15. Maria
16. Pepe
17. Jair
18. Renato
19. Jonatan (Primo) - localidade conhecida com KM 270 (a confirmar)
20. Claudemir Amâncio

### **3.2.2 DEFINIÇÃO DAS ÁREAS A SEREM IMPLANTADOS OS MODELOS DE RECUPERAÇÃO**

São constituídos três grupos para realizar a atividade do mapeamento das áreas a serem recuperadas e preenchimento de fichas para cada área. Iniciou-

se esta atividade solicitando aos grupos que localizem as áreas de ervais nativas dentro e fora da APA.

À noite, a equipe se reúne no Núcleo Cedro para sistematizar as demandas formuladas pelos grupos em termos de áreas a serem recuperadas. Mais uma vez, o total das áreas ultrapassa o teto do projeto, tornando necessária uma negociação coletiva para reduzi-las no segundo dia de oficina.

A tabela síntese é apresentada para que todos decidam sobre a redução das áreas a serem recuperadas. Resolvem reduzir a maior das áreas propostas (área mapeada pelo senhor Baiano) e incluir uma pequena área (0,2 ha) para Claudenir, que não estava na véspera.

GRUPO 1				
Código da área	Agricultor	Tamanho	Uso atual	Condição da área
AR 1 A 1	Alcídio	0,9 ha	Pasto	Solo fraco
	<i>Juraci</i>	<i>1,2 ha</i>	Capoeira média com banana e café	<i>Para enriquecer</i>
Total		2,1 ha		
GRUPO 2				
Código da área	Agricultor	Tamanho	Uso atual	Condição da área
AR 1.1	Ivanir B. C.	1,2 ha	Pasto	Solo pobre
AR 1.2	Afonso Q.	0,3 ha	Pasto	Solo pobre
AR 1.3	Gasparina	0,3 ha	Capoeira	Solo pobre
AR 1.4	João Maria	1,2 ha	Capoeira	Solo pobre
AR 1.5	Renato Francisco/ Deva/Claudenir	1,2 ha	Capoeira	Grande declividade
Total		4,2 ha		

Código da área	Agricultor	Tamanho	Uso atual	Condição da área
AR 1.1	Ozadir	1,2 ha	Pasto	Solo pobre
AR 1.2	Vicente	0,6 ha	Capoeirinha	Solo pobre
AR 1.3	Daniel Messias	1 ha	Início de implantação de palmital	Recuperação de APP
AR 1.4	Francisco	0,6 ha	Capoeira	Recuperação de APP
AR 1.5	Jair	0,15 ha	Formação de pastagem	Baixa biodiversidade e recuperação de APP
Total		3,55 ha		

O total das áreas chega a 11,05 hectares, mas desse total 1,4 hectare é para enriquecimento (áreas de Juraci e Claudenir).

### 3.2.3. A COMPOSIÇÃO DO GRUPO DE JOVENS COMUNICADORES

Os critérios para participação no grupo são explicados e as inscrições são feitas. Por fim, o grupo de jovens comunicadores da APA Planalto do Turvo fica constituído por Patrick, Welington, Poliana e Daniele. A primeira atividade com o grupo fica agendada para o dia 26 de maio no barracão do centro comunitário da associação da Bela Vista, e que o monitor Thiago fica responsável informar dessa data aos jovens.

### 3.2.4 ELABORAÇÃO DO CALENDÁRIO SAZONAL FLORESTAL COMO SUBSIDIO PARA O INVENTÁRIO FLORESTAL AMOSTRAL PARTICIPATIVO

Os grupos de trabalho constituídos para a atividade do mapeamento são refeitos para elaborarem calendários de floração e frutificação das espécies florestais citadas nas descrições das áreas e registradas nas fichas.

Cada grupo produziu seu calendário, conforme o modelo proposto no roteiro metodológico. Os grupos apresentaram seus trabalhos.

As informações registradas em cada um dos calendários foram sistematizadas e digitalizadas gerando um único calendário, apresentado a seguir na Tabela 10.

**Tabela 10.**

nº de ssp	Nome comum da ssp florestal	Época de Floração	Época de Frutificação	Estimativa de ocorrência da ssp
1	Amora	set	nov	pouco
2	Araça	nov	fev - março	muito
	Araçá	jan	fev- março	muito
	Araçá	jan - fev	março-abril	muito
3	Arapaçu	agost-set	dezembro	muito
4	Araticum	jan	fev- março	muito
	Araticum	nov-dez	março	pouco
5	Aroeira	ano todo	ano todo	muito
6	Assapeixe	fev	març- abril	muito
7	Café de bugre	jan	março-abril	pouco
8	Cajarana	agosto	nov - dez	muito
9	Canela amarela	dez	março	muito
	Canela amarela	janeiro	março- abril	muito
10	Canela branca	dez -jan	março	muito
11	Canela imbuía	agosto-set	dezembro	muito
12	Canela preta	agosto	nov - dez	muito
	Canela preta	?	abril	muito
13	Canela sassafrás	agost - set	dezembro	muito
	Canela sassafrás	jan	março- abril	muito
14	Canjarana	nov	março	muito
	Canjarana	set	nov	pouco
15	Caquera	dez -jan	maio -julho	muito
	Caquera	jan - fev	març-abril	muito
16	Caratuva	não informado		
17	Carova	set	jan	pouco
18	Cedrinho	agosto	set - nov	
19	Cedro	nov	março	muito
	Cedro	set	març-abril	muito
20	Cedro cravinho	out	dez	muito
	Cedro cravinho	agosto	nov - dez	muito
	Cedro cravinho	agost - set	dezembro	muito
21	Copaíba	fev - març	set - out	muito
	Copaíba	agosto-set	dezembro	muito
22	Cuvatã branco (migué pintado)	outubro	janeiro	muito
23	Embaúba	não informado		
24	Erva de sapo	out	dezembro	muito
25	Erva -mate	nov	fev	média
26	Figueira	set-out	nov-dez	muito
	Figueira	dez	fev- março	muito
27	Fumo bravo	set	dezembro	muito
28	Goiaba	nov	fev- março	muito

n° de ssp	Nome comum da ssp florestal	Época de Floração	Época de Frutificação	Estimativa de ocorrência da ssp
29	Goiabinha	jan	fev- março	pouco
30	Gravatá (caraguatá)	jan	fev- março	muito
31	Guabiroba	jan	nov-dez	muito
32	Guamirin	?	nov	pouco
	Guamirin	nov	março	pouco
33	Guapeva	agosto	out - nov	muito
	Guapeva	agost-set	dezembro	muito
	Guapeva	março- abril	out - nov	muito
34	Guarapari	dez	março	pouco
35	Guaricana	out	nov -dez	pouco
36	Imbiruçu	set	dezembro	muito
37	Indaiá	jan	fev- março	muito
	Indaiá	ano todo	jan -março	muito
	Indaiá	out -nov	nov - jan	muito
38	Ingá	ano todo	ano todo	muito
39	Ingá mirin	out	nov - dez	muito
40	Ipê	out	nov	muito
	Ipê	agosto	out	muito
	Ipê amarelo	agosto	novembro	muito
41	Jaborandi	ano todo	ano todo	muito
42	Jabuticaba	out - nov	dez	pouco
43	Jabuticaba	agost-set	dezembro	pouco
44	Jerivá	nov - dez	março	muito
	Jerivá	ano todo	jan -março	muito
	Jerová	jan	fev- março	muito
45	Juçara	ano todo	jan -março	pouco
	Juçara	jan- dez	out - nov	muito
	Juçara	jan	fev- março	muito
46	Laranja de macaco	set	out - nov	muito
47	Laranja de macaco	jan	ano todo	muito
48	Leiteiro	set -out	dez	muito
49	Limão do mato	não informado		
50	Mamica de porca	não informado		
51	Marmeleiro	agosto-set	dezembro	muito
52	Migué pintado	agosto-set	dezembro	muito
53	Nhutinga	agost - set	dezembro	pouco
54	Óleo copaíba	agosto	nov -dez	pouco
	Óleo pardo	set	out - nov	muito
55	Óleo pardo	jan	març-abril	muito
56	Pau de -andrade	set	dez	pouco
57	Pau-de-anta	jan	março- abril	muito
58	Peroba	não informado	?	pouco
59	Pessegueiro bravo	jan - fev	março-abril	pouco
60	Pica -cú	set	dez-jan	pouco
61	Pororoca	nov	fev	pouco
62	Sangreira	jan - fev	março	muito
	Sangreiro	jan	fev- março	muito
	Sangrera	dez -jan	març- abril	muito
63	Tapiá	out -nov	dez	muito

nº de ssp	Nome comum da ssp florestal	Época de Floração	Época de Frutificação	Estimativa de ocorrência da ssp
	Tapiá	nov-dez	jan-fev	muito
64	Taquara mansa	de 7 em 7 anos	?	muito
65	Taquarinha	de 7 em 7 anos	?	muito
66	Taquaruçu	de 3 em 3 anos	?	muito
67	Tarumã	nov - dez	março	média
	Tarumã	janeiro	fev- março	muito
	Tarumã	jan - fev	março	muito
68	Urucurana	set	dez	pouco

### 3.2.5 ENCAMINHAMENTOS FINAIS DA OFICINA

Depois que a atividade de composição do grupo de Jovens Comunicadores é encerrada, inicia-se uma nova discussão sobre os SAFs, as espécies que serão plantadas e sobre o uso que vai ser feito delas. É explicado que essas questões serão trabalhadas na fase do diagnóstico das áreas selecionadas para recuperação. Na sequência passa-se então à escolha dos representantes da comunidade para compor o grupo gestor do projeto da APA Planalto do Turvo. Os presentes escolhem a Sra. Gasparina como titular e o Sr. Juraci como suplente.

Passe-se então, para o planejamento da programação das visitas técnicas para realização dos diagnósticos. Divide as áreas selecionadas para recuperação em 3 grupos, pela proximidade entre elas, definindo 4 a 5 áreas a serem visitadas por dia. No final, fica combinada a seguinte agenda: Dia 8 de maio, visita na área do Renato, Pepe, Deva, Claudenir, e Juraci; dia 9 de maio, na área do Baiano, Afonso, João e Jair; dia 10 de maio, na área de Daniel, Vicente, Alcídio, Francisco, Gasparina e Ozadir. É explicado que as visitas vão ser feitas pelos técnicos.

Depois do almoço, inicia-se o encerramento da oficina, e é solicitado para que cada comunitário faça uma avaliação das atividades, levantando pontos positivos e pontos negativos. Entre os pontos positivos citados, destacam-se a integração do grupo, a produção do calendário sazonal florestal, as orientações fornecidas pela equipe do projeto, a possibilidade de conciliar reflorestamento com o sustento do agricultor e o fato dos jovens serem incluídas no projeto. Como dificuldades, citam o trabalho com os mapas, para o mais velhos, e as



críticas que os interessados em reflorestamento e agrofloresta recebem de outros moradores da região. Dizem que entenderam que o projeto não vai resolver demandas de infra-estrutura e assistência da comunidade, mas pedem para que a equipe os apóie no encaminhamento de suas reivindicações às autoridades competentes.

### 3.3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES NA OFICINA DA APA RIOS VERMELHO E PARDINHO

No dia 29 de março ocorreu a oficina na APA Rios Vermelho e Pardinho por volta das 9h00, na Escola Estadual Rio Vermelho. Esta é iniciada informando aos presentes sobre os objetivos do Projeto e as áreas de abrangência, que além desta APA, também esta envolvida a APA Planalto do Turvo e a RDS de Quilombos e que o público do projeto são agricultores familiares residentes nessas três UCs. Falasse sobre a duração deste e das atividades previstas, explica que o IDESC é uma ONG da região, com sede em Registro, e que ela a instituição proponente do projeto, e informa sobre alguns parceiros - Fundação Florestal e as associações dos bairros existentes nas três UC. Diz que o projeto tem contrapartida da Fundação Florestal. Todos da equipe, e o gestor Domingos diz que além de ser gestor dessa APA está respondendo interinamente pelo Parque do Turvo. NA sequência os participantes se apresentam: Damião, de S. Pedrinho; Julio, de Barra da Cruz ; Waldecir, mora no bairro há quase 20 anos; Gilberto, de S. Pedrinho; Juca Batista, acredita no projeto; Manoel Pereira, do Caçadorzinho, onde se esconde no meio das matas; Jadir Bandeira, do Rio Vermelho - está na 4ª geração aqui, nascido e criado no bairro; Wilson José, nascido na Barra do Turvo; Francisco; José Fernando de Almeida, de Barra da Cruz; Raimundo, de Barra da Cruz, morador há 19 anos; Rosemir, trabalha no viveiro, mora no São Pedrinho; Alemão, do rio Turvo, mexe com agrofloresta, é da COOPERA; Sebastião Leão de Oliveira, do km 504; Cristiano, de Barra do Turvo, quer conhecer o projeto para ver se é bom; Ari, do bairro de Sta. Marta; Nadja, faz parte da COOPERA.

Após a breve apresentação dos presentes a consultora Katia Pacheco pede para os agricultores que já trabalham com é sistema de agrofloresta façam uma explicação sobre esse jeito de fazer agricultura. Então o senhor Alemão diz:

*SAF é plantar árvore e podando árvores debaixo do mato. Planta árvores, depois poda e planta embaixo. Sistema é bom, funciona. Só que tem uma coisa: sistema de calcário, porque a terra é ácida.*

Na sequência o senhor Tião diz:

*Este sistema requer bastante serviço, mas tem resultado, porque em áreas degradadas dá para recuperar os solos. Lugares que não produzem nada em dois anos estão dando lucro. Não é um grande lucro, porque tem que trabalhar com as mãos, sem maquinário. Dá para conciliar com pequena criação, dá para viver. Já tem como escoar o produto. Tô com 4 anos trabalhando nesse sistema.*

A senhor Nadja fala a mesma coisa que os colegas e completa:

*(...) trabalhamos reunidos, a gente cria animais e aproveita o esterco dos animais; eles dão leite e dão esterco; nunca deixamos o solo descoberto, sempre plantamos alguma coisa rasteira, picamos as plantas podadas e deixamos ali para enriquecer a terra; está dando para viver bem.*

Segue a discussão a respeito de se trabalhar no Sistema Agroflorestal.

Outro agricultor relata diz que sempre reflorestou em caráter particular porque gosta de ver a natureza se formar, mas mora longe do viveiro. Sabe que esse tipo de coisa dá certo.

O senhor Jadir diz:

*(...) também tenho palmito e outras árvores no terreno, mas por conta própria, nunca teve apoio; agora quer apoio do projeto. Estou no Parque desde 69, só agora está vindo projeto.*

Depois da discussão sobre o que é a proposta de se recuperar áreas utilizando SAFs, iniciasse a explicação sobre o tema viveiros, e a sequência passa-se à explicação sobre o objetivo da criação do grupo Jovens Comunicadores. É explicado que esta atividade foi incluída no projeto pensando nos filhos dos agricultores.

É feita uma explicação a respeito da proposta de envolver os jovens no projeto e a consultora Katia, reforça dizendo:

*(...) sabemos que não dá para fazer isso com o trabalho direto na produção de mudas, então pensamos em trabalhar como grupo de Jovens Comunicadores, onde estes seriam capacitados para produzir num jornalzinho que fale do projeto e sobre outras questões de interesse na comunidade, ligadas a questões cultura e ambiental. É explicado que vai ter um apoio simbólico, uma bolsinha, para os jovens que participarem.*

Depois de mais algumas questões, é exibido o filme sobre SAFs do Mato Grosso e aberta mais uma rodada para que os participantes fizessem perguntas e a equipe as respondesse.

Pergunta: "Muda da erva mate é comprada?"

Resposta: "As mudas vão ser produzidas nos viveiros e vão ser compradas pelo projeto . Os participantes vão entrar é com a mão de obra - mutirão".

Pergunta: "Vai ter alguma ajuda para quem vai trabalhar?"

Resposta: "A ajuda vai ser a compra das mudas dos viveiros para serem plantadas nas áreas de vocês por vocês."

Pergunta: "E eu vou comer o quê, enquanto estou trabalhando no projeto?"

Resposta: "O projeto é trabalho de formiguinha, ninguém vai ficar rico com o projeto; além da assistência técnica e dos insumos, vão ganhar com enriquecimento do terreno; e podem plantar outras coisas de rendimento mais rápido no meio."

Pergunta: "Nesse projeto de jussara, erva-mate e pião, vamos ter direito a comercializar as sementes?"

Resposta: "Sim, as sementes e a polpa. Por exemplo, no bairro Guapiruvu, já há comercialização da polpa e a utilização das sementes para repovoar a

área. Tem comunidades que constituíram uma rede de sementes – mas isso não é um trabalho individual, a comercialização é através das associações. Tem que ficar claro que o trabalho deste nosso projeto é no coletivo, não no particular."

Pergunta: "E se alguém cortar nossos palmitos? Vai ter seguro?"

Resposta: "Sabemos que tem que ter fiscalização, mas não tem seguro. Não tem pagamento para agricultor plantar na sua própria terra; o projeto fornecerá comida nos mutirões para plantio, além da assistência técnica e da compra das mudas para implantar nas áreas mapeadas para implantação dos modelos de recuperação baseado em SAF.

Pergunta: Quantas pessoas podem trabalhar no projeto?

Resposta: em cada UC haverá um grupo de até 26 pessoas.

### **3.3.1 DEFINIÇÃO DO GRUPO DOS AGENTES FLORESTAIS RESTAURADORES**

Depois do almoço, é feita a lista dos interessados em participar do projeto inicialmente sai uma lista com 19 interessados, que no dia seguinte é completada com outros cinco nomes):

1. Raimundo (Rio Vermelho)
2. Anísio – localidade São Pedrinho
3. Jadir – localidade Rio Vermelho
4. Dejalma - localidade Santiago
5. Francisco - Santiago
6. José Fernandes – Rio Vermelho
7. Manoel Pereira – Rio Turvo
8. Gilberto – São Pedrinho
9. Delmo - São Pedrinho
10. Nadja – Rio Turvo
11. Alemão – Rio Turvo
12. Tião – Rio Turvo
13. Joaquim – São Pedrinho
14. Damião – São Pedrinho

15. Rosemir – Rio Vermelho
16. Valdeci - Rio Vermelho
17. Sebastião – São Pedrinho
18. Juca – Rio Vermelho
19. Ari – Santa Marta
20. Delmar
21. José Silveira Brás ( a confirmar )
22. Keison – Rio Vermelho
23. Esmael (a confirmar)
24. Vera Lúcia - Rio Vermelho

### **3.3.2. DEFINIÇÃO DAS ÁREAS A SEREM IMPLANTADOS OS MODELOS DE RECUPERAÇÃO**

Após a composição do grupo, este é dividido em 2 grupos, e iniciasse o trabalho de mapeamento das áreas que devem ser recuperadas pelo projeto. Às 15h30 essa atividade termina. Na sequência os grupos recebem orientação para dar início a atividade do calendário sazonal florestal, com objetivo de sistematizar a época de produção e coleta de sementes das espécies nativas listadas na atividade do mapeamento. Por volta das 18:00 horas essa atividade é encerrada e terminam os trabalhos do primeiro dia da oficina. À noite, a equipe trabalha na sistematização das áreas mapeadas pelos grupos, montando a Tabela 1, apresentado a seguir. A soma total das áreas é bem maior do que nas outras UCs, chegando a 38,35 hectares. Verifica-se que três dessas áreas estão situadas no Parque Estadual do Turvo, que é limítrofe a APA Rios Vermelho e Pardinho. Segundo os critérios definidos no projeto, essas áreas não seriam ser contempladas. Porém, como os dois participantes são justamente os agricultores mais comprometidos com a prática da agrofloresta e da conservação ambiental, a equipe decide incluí-los do projeto.

Diante da dificuldade de discutir cada uma das demandas individuais para tentar adequar o tamanho da demanda coletiva ao potencial de reflorestamento do projeto, alguns participantes propõem que seja feita uma

divisão equitativa da área total a ser trabalhada, ou seja, que os 10 hectares previstos no projeto para serem recuperados sejam divididos igualmente entre os 24 participantes. Todos concordam com a proposta, de modo que o cálculo é feito e verifica-se que cada participante terá uma área de 0,41 hectare (ou aproximadamente uma quarta).

**Tabela 11. APA Rio Vermelho – Grupo 1**

Área a recuperar	Agricultor	Tamanho	Uso atual	Condição da área
AR1	Ari	0,05 ha	Roça e capoeira	Tem duas nascentes, terra fraca em alguns lugares
AR2 - Parque	Manoel	4,8 ha	Roça	Terra arenosa, rio passa na divisa
AR3 – RDS e Parque	Nadja	2,4 ha	Pasto	Morro, terra fértil
Parque	Alemão	2,4 ha	Sem uso	Terreno arenoso; taquaruçu, capoeira fina
Parque	Tiã 1	1 ha	Pasto sujo	Capoeira com madeira branca, solo bom, ácido
Parque	Tiã 2	1 ha	Roça	SAF iniciado
Parque	José da Silva Bras	2,4 ha	SAF de 3 anos, quer enriquecer com erva	
Total = 11, 65 ha				

**Tabela 12. Grupo 2 – São Pedrinho**

Área a recuperar	Agricultor	Tamanho	Uso atual	Condição da área
A 1.1	Anísio	1 ha	Pasto sujo	Solo fértil, tem árvore grande, próximo a APP
A 1.2	Sebastião	1 ha	Pasto sujo	Mata rala, solo fértil, próximo a nascente
A 1.3 – Parque	Joaquim	1 ha	SAF antigo	Solo fértil
A 1.4	Damião	1 ha	Pasto sujo e capoeira fina	Solo fértil, próximo a APP
A 1.5	Gilberto	1 ha	Pasto sujo e capoeira fina	Taquaruçu, samambaiá; Próximo à nascente
A 1.6 – Parque	Delmo	1 ha	Pasto	Beira do rio
Área no Parque	Deumar	3,6 ha	Capoeirinha suja, sem uso	Tem uma aguinha pequena que passa lá
Total = 6 ha				

**Tabela 13. Grupo 3 – Rio Vermelho e Santiago**

Área a recuperar	Agricultor	Tamanho	Uso atual	Condição da área
A 1.1	Raimundo	1,2 ha	Pastagem e sem uso	Solo pobre
A 1.2	José Fernandes	0,6 ha	Pasto e capoeira	Solo fraco
A 1.3	Júlio da Silva	0,6 ha	Meio capoeira fina, meio pasto	APP degradada
A 1.4	Valdeci	0,6 ha	Pasto em abandono	Solo fraco, APP degradada
A 1.5	José Batista Filho	0,3 ha	Abandonada, capoeira	APP degradada
A 1.6 – parque	Rosemir	0,6 ha	Tiguerá	Solo fraco
A 1.7	Dejalma	2,4 ha	pastagem	Curso d'água sem proteção, baixa biodiversidade
A 1.8	Francisco	0,6 ha	pastagem	APP degradada
A 1.9	Jadir	0,6 ha	pastagem	APP degradada
A 1.10	Keison	0,6 ha	Pasto em abandono	APP degradada, com erosão
A 1.11	Vera Lúcia	0,6 ha	Pasto	APP degradada, solo pobre
No Parque	Ismael	6 ha	SAF de 3 anos	Samambaial, nascente
Total = 8,7 ha				

### 3.3.3 Elaboração do Calendário Sazonal Florestal como subsídio para o Inventário Florestal Amostral Participativo

No segundo dia da oficina os trabalhos foram iniciados às 9h10, com a apresentação pelos grupos dos calendários sazonais no primeiro dia. O calendário apresenta 110 nomes comuns de tipos florestais, conforme é apresentado na Tabela 14. Surgem algumas discussões sobre discrepâncias nas informações apresentadas pelos dois grupos: um diz que certa espécie é abundante, o outro diz que é rara; cada grupo menciona meses diferentes para floração e frutificação de certas espécies. Também há discussão sobre as variações de nomes das espécies. Verifica-se que algumas das espécies listadas são



conhecidas só por uma ou duas pessoas. No final da apresentação, a consultora Katia Pacheco diz o calendário produzido pelos grupos os participantes receberão uma cópia do calendário uma etapa na ocasião da oficina de capacitação sobre produção e coleta de sementes.

**Tabela 14.** Calendário Sazonal produzido na oficina.

n° de ssp	Nome comum da ssp florestal	Período de Floração	Período de Frutificação	Estimativa de abundância da ssp na UC
1	alecrim	out	mar	muito
2	angiquinho	dez - jan	junho- julho	pouco
3	araça	out - nov	fev - mar	muito
	araça	set	mar	muito
4	arapaçu	out - nov	mar - abril	muito
5	araribá	set	mar	muito
6	araticum	set - out	fev - marc	muito
	araticum	out	mar	muito
7	araticum panema	set	mar	pouco
8	araucária	set - nov	maio - julho	pouco
9	armestica	set -out	março	pouco
10	aroeira	dez - abril	abril	muito
11	assapeixe	ago	mar	muito
12	baguaçu	set - out	marc - abril	pouco
13	bocuva	set	mar	pouco
14	butuqueira	out - nov	jan -mar	pouco
15	Cabriúva	set - out	dez - jan	muito
16	Cajarana	nov - dez	fev - mar	pouco
17	Candiúva	out	dez	muito
	Candiúva	mar	agost	muito
18	Canela	agost - set	out - nov	muito
19	Canela amarela	set	mar	muito

n° de ssp	Nome comum da ssp florestal	Período de Floração	Período de Frutificação	Estimativa de abundância da ssp na UC
20	Canela bosta	ago - set	out - nov	muito
21	Canela fogo	ago - set	out - nov	muito
22	Canela ninhotinga	set	mar	muito
23	Canela preta	ago - set	out - nov	muito
24	Canela sassafrás	ago - set	out - nov	pouco
25	Canela sebosa	set	mar	muito
26	Canela-batalha	agost - set	out - nov	quase não tem
27	Canjarana	set	mar	muito
28	Capororoca	set - out	nov - dez	muito
29	Caquera	jav - fev	marc - abril	muito
	Caquera	mar	agost	muito
30	Carova	set	mar	pouco
31	Carrapateiro ou cai-levante	set - nov	nov - dez	muito
32	Carvalho	agosto	out	pouco
33	Casca de anta	set - out	dez	pouco
34	Cebolão	set	mar	muito
	Cebolão	set	marc	quase não tem
35	Cedro	dez - jan	junho - julho	pouco
	Cedro	set - out	agost	muito
36	Cereja	out	jan - fev	pouco
37	Cerejeira do mato	set	mar	muito
38	Coração de bugre	set	nov - dez	pouco
39	Corticeira	set	marc	muito
40	Cuvatã branco	set	fev	muito
41	Cuvatã preto	set	fev	muito
42	Embaúba	agost - set	marc-abril	muito
	Embaúba	set - out	fev	muito

n° de ssp	Nome comum da ssp florestal	Período de Floração	Período de Frutificação	Estimativa de abundância da ssp na UC
43	Erva de mula	nov	maio	muito
44	Erva macuco	set	mar	muito
45	Espinheira santa	out	dez - jan	muito
46	Figueira	out - nov	marc - abril	muito
	Figueira	set	fev	pouco
47	Fumo bravo	set - dez	jan - fev	muito
48	Gavirova	nov	dez	pouco
49	Goiaba	nov	marc	muito
50	Guabiroba	out	dez	muito
	Guabiroba pimenta	out	dez	muito
51	Guamirin	agost	nov	pouco
	Guamirin	marc - abril	junho - julho	muito
52	Guapeva	set	maio	muito
53	Guarapari	maio	set	pouco
54	Guatambu	out - nov	dez	pouco
	Guatambu	set	mar	muito
55	Imbuia	set	mar	muito
56	Indaiá	dez	mar	muito
	Indaiá	fev - marc	dez - marc	pouco
57	Ingá	fev - marc	dez - fev	muito
58	Ingá feijão	ago - set	dez	muito
59	Ingá macaco	mar	set	muito
60	Inhuva canela	mar	agost	pouco
61	Ipê	jan - fev	marc - abril	pouco
62	Ipê amarelo	set	mar	muito
63	Jaborandi	out	jan	muito
64	Jabuticaba	set	dez	pouco
	Jabuticaba	agost	out	pouco

n° de ssp	Nome comum da ssp florestal	Período de Floração	Período de Frutificação	Estimativa de abundância da ssp na UC
65	Jacarandá bago de porco	set	maio	muito
66	Jacarandá bico-de-pato	set	mar	muito
67	Jacatirão	mar - abril	junho	muito
	Jacatirão	jan - abril	agost	muito
68	Japindá	dez	maio	muito
69	Jaracatiá	fev	agost	muito
70	Jarová	set	marc	muito
71	Jataí (jatobá miúdo )	out - nov	fev - marc	quase não tem
72	Jatobá	out - nov	jan -fev	quase não tem
73	Jerivá	fev -marc	dez - marc	pouco
74	Juçara	fev -marc	dez - marc	pouco
	Juçara	out	dez - maio	muito em plântula
75	Laranja de macaco	dez - jan	marc -abril	muito
76	Leiteiro	out	jan	muito
77	Limão bravo	set	mar	muito
78	Macaqueira	set	mar	muito
79	Mamica- de- porca	set	maio	muito
	Mamica-de-porca	set	dez	muito
80	Manjoleiro	maio	set - out	pouco
81	Mata pau	set	mar	muito
82	Migué pintado	set	fev	muito
	Migué pintado	out -nov	fev -abril	muito
83	Óleo capaúba	fev -marc	set - out	muito
84	Olho de cabra	set -out	jan - abril	pouco
85	Paineira	set	out - nov	quase não tem
86	Pata-de-vaca	jan	junho -julho	quase não tem
87	Pau jacaré	out	maio	pouco

n° de ssp	Nome comum da ssp florestal	Período de Floração	Período de Frutificação	Estimativa de abundância da ssp na UC
88	Pau óleo (copaíba)	set	mar	muito
89	Pau-de andrade	out	fev	quase não tem
90	Pau-pra-tudo	out	nov	pouco
91	Peróba	set - out	junho - julho	muito
	Péroba	set	mar	muito
93	Pessegueiro- bravo	out - nov	marc - abril	muito
94	Picacu	set	mar	muito
95	Pindabuna	out	marc-abril	pouco
96	Pitanga	out - nov	jan	pouco
97	Piúva (ipê amarelo do brejo )	set	mar	pouco
98	Pororoca	mar - set	set	muito
99	Quina amarela	out - nov	fev	pouco
100	Quina branca	out - nov	fev	pouco
101	Sangreira	out - nov	jan	muito
102	Sassaprás	set	mar	muito
103	Suinã	set	fev	pouco
104	Tamanqueiro	out	fev	pouco
105	Tapiá	set	jan	muito
	Tapiá (tanheiro)	agost	fev - marc	muito
106	Tarumã	out - nov	fev - marc	pouco
	Tarumã	set	mar	muito
107	Tucum	set	jan	muito
108	Urucurana	out - nov	marc - abril	muito
109	Uvalha	agost - set	nov - dez	pouco
110	Vapuã	out	dez	muito
	Vapuã	out	abril	pouco

### **3.3.4. A COMPOSIÇÃO DO GRUPO DE JOVENS COMUNICADORES**

A equipe explica a questão da relação entre o valor da bolsa e a quantidade de participantes. Os jovens dizem que preferem reduzir a bolsa para que mais gente participe. Ficam selecionados os estudantes residentes na APA: Inara, 13 anos, 7ª série; Naiara, 13 anos, 7ª série; Arielson, 14 anos, 7ª série; Karina, 19 anos, 8ª série; Keila, 17 anos, 1º ano do Ensino Médio.

Na lista de espera ficaram Ketlin de 13 anos, 8ª série e Rakelly de 16 anos e 8ª série.

Fica combinado que a primeira reunião para capacitação será no Núcleo do Cedro dia 27 de maio. Fica acordado que haverá um transporte para pegar o grupo. Os pontos de parada serão: no Mirante (7:55h); KM 554 (8:00h); KM 559; Divisa e KM 561 (São Pedrinho).

### **3.3.5 ENCAMINHAMENTOS FINAIS NA OFICINA**

Encerrada a questão do grupo de jovens, passamos à escolha dos representantes da comunidade no Grupo Gestor do projeto. Os escolhidos foram Anísio Padilha, como titular, e Alemão (Etnar Kolm), como suplente.

Depois do almoço, a título de encerramento dos trabalhos é exibido o filme "O Menestrel", no qual um ator vestido de arlequim recita conselhos para o bem viver. Em seguida, a consultora Katia Pacheco faz uma avaliação da oficina e pede que cada um mencione um ponto positivo do trabalho e faça uma sugestão para melhorar da próxima vez. Alguns dos pontos levantados pelos moradores da comunidade foram:

- "Projeto é grande ajuda para continuarem trabalhando na sua terra, boa oportunidade para reunir pessoas da comunidade, alguns estão se conhecendo agora".

- "Vão querer mais projetos depois".

- "Vão arregañar as mangas para trabalhar".

- "Gostaram muito do filme "Menestrel".
- "Aprenderam nomes de espécies da mata na atividade do calendário".
- "Ficam preocupados com o fato que alguns jovens nunca mexeram com computador".
- "Satisfação com o fato de que o projeto parece ser resposta a coisas que pediram ou discutiram no passado; já tem mudas prontas para irem para a terra, estão estragando".
- "Duas pessoas dizem que estavam quase indo embora da área, mas que o projeto as anima a ficar".
- "Trabalho não pode parar por aqui, tem que ter mais projeto, mais gente envolvida".
- "Agradecem pela oportunidade dada aos jovens".

## ANEXOS



ANEXO 1. FICHA DO MAPEAMENTO

Atividade 1 Mapear as áreas que necessitam ser recuperadas <u>ou enriquecidas</u> .
N. do Grupo: _____ Código no mapa: _____ Exemplo: Área que necessita ser Recuperada = AR 1, AR2 , etc Área que necessita ser Enriquecida= AE 1, AE 2....
Nome do Agricultor da área:
1. Por que a área mapeada necessita ser recuperada? Explique.
2. Qual o tamanho de cada área mapeada? <u>Observar no mapa se há presença de algum curso d'água, se sim qual a distancia deste da área?</u>
3. Qual o uso atual que se faz dessa área?
4. Quais as características atuais dessas áreas? (tipo do solo, se tem erosão, etc
5. Antes deste uso, como era a vegetação (que tipo de espécies ocorria?) nessa área?
6. Qual tipo de vegetação (tipo de espécies florestais) está presente na área

<p>mapeada ? Dizer quais crescem rápido e quais demoram?</p>
<p>Atividade 2 - Inventário</p>
<p>1. Quais tipos de espécies florestais que são de rápido crescimento e que mais ocorre nas matas no entorno da área mapeada?</p>
<p>2. Quais tipos de espécies florestais que em geral tem crescimento mais lento, que demoram a dar sementes, frutos.... e que mais ocorre nas matas no entorno da área mapeada?</p>
<p>3. Quais das espécies florestais listadas acima são comestíveis – frutos da mata atlântica?</p>
<p>4. Quais das espécies florestais listadas acima são alimento para a fauna?</p>
<p>5. Quais das espécies florestais listadas acima tem potencial apícola?</p>

<p>Atividade 5. Elaborar o calendário para coleta de sementes para as respectivas espécies florestais listadas (meses de floração e de frutificação).</p>				
1				
2				
3				
4				
5				
6				

Anexo 2 . Programação OFICINA I - Planejamento do Projeto e Mapeamento das Áreas a serem recuperadas ...

	<b>PRIMEIRO DIA</b>	<b>SEGUNDO DIA</b>
8:20h	Café de Boas Vindas	Café pra despertar
8:40h	Rápida apresentação dos participantes Combinados de funcionamento dos 2 dias – Programação da Oficina	Atividade 4: Definir quais das áreas mapeadas serão recuperadas.
9:50h	Apresentação geral do Projeto Rodada para sanar dúvidas Combinados para definir os participantes das capacitações (jovens e adultos)	Atividade 5. Elaborar o calendário para coleta de sementes para as respectivas espécies florestais listadas. (meses de floração e de frutificação).
11:00h	Filme: O Homem que Plantava Árvores	
11:30h	Comentários sobre o filme	Atividade 6. Iniciar a elaboração participativa do Projeto de Recuperação Florestal.
11:50h	Atividade 1: Mapear as áreas que necessitam ser recuperadas. Instruções para realização da atividade em grupo.	
12:20h	ALMOÇO	ALMOÇO
13:30h	Continuidade da atividade 1	Continuação dos trabalhos dos grupos
15:00h	Intervalo	Intervalo
15:15h	Atividade 2- Inventário Florestal amostral participativo	Atividade 7. Apresentação dos grupos
16:15h	Atividade 3- Apresentação dos trabalhos dos grupos	Encaminhamentos - Avaliação escrita individual
17:30h	Encerramento – rodada de avaliação rápida	